
A ARTE NO ESTADO DE ENCONTROS COM O PROCESSO CRIATIVO DE SERGIO MOURA

Regiane Bressan¹

Salete Paulina Machado Sirino²

Resumo: Neste artigo, objetiva-se apresentar a arte no estado de encontros com o processo criativo de Sergio Moura, e a mediação entre os artistas e a sociedade para que a potência criativa flua de forma independente. Portanto, consiste na reflexão do seu projeto Artshow, e sobre a urgência de cultivar a sensibilidade criadora com a estranha realidade nacional, e na abordagem de cada um no todo, no coletivo. Dessa forma, o trabalho de Sergio Moura contempla o coletivo carregado de teor crítico devido à persistência em realizar projetos relacionais e vivenciais, frequentemente transitórios, ao longo dos anos no campo artístico em geral, ocorridos durante o período ditatorial militar. Nesse sentido, ao estabelecer um espaço comum para compartilhar desse lugar enquanto sociedade e devolver para o receptor o olhar em volta, seja encontrando semelhanças ou desacordos com a teoria do filósofo Jacques Rancière, pretende-se propor uma leitura da estética relacional na abordagem dos materiais analisados a partir das principais referências: Luise Boeno Malmaceda, Maria José Justino, Artur Freitas e Jacques Rancière.

Palavras-Chave: Arte; Coletivo; Crítico; Ruptura; Liberdade Criativa.

ART IN THE STATE OF ENCOUNTERS WITH SERGIO MOURA'S CREATIVE PROCESS

Abstract: In this article, the objective is to present the art in the state of encounters with the creative process of Sergio Moura, and the mediation between artists and society so that the creative power flows independently. Therefore, it consists in the reflection of his Artshow project, and on the urgency of cultivating creative sensitivity with the strange national reality, and in the approach of each one in the whole, in the collective. In this way, Sergio Moura's work contemplates the collective loaded with critical content due to the persistence in carrying out relational and experiential projects, often transitory, over the years in the artistic field in general, which occurred during the military dictatorial period. In this sense, by establishing a common space to share this place as a society and return to the receiver the look around, whether finding similarities or disagreements with the theory of the philosopher Jacques Rancière, it is intended to propose a reading of relational aesthetics in the approach of the materials analyzed from the main references: Luise Boeno Malmaceda, Maria José Justino, Artur Freitas and Jacques Rancière.

Keywords: Art; Collective; Critical; Break; Creative Freedom.

¹ Lattes: <https://orcid.org/0000-0002-7101-793X>. ORCID: <http://lattes.cnpq.br/0123316221379741>. email: gianebrassan69@gmail.com

² Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1331036846713013>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9198-1235>. email: salete.sirino@unespar.edu.br

ARTE EN ESTADO DE ENCUENTRO CON EL PROCESO CREATIVO DE SERGIO MOURA

Resumen: En este artículo, se pretende presentar el arte en el estado de encuentro con el proceso creativo de Sergio Moura, y la mediación entre los artistas y la sociedad para que el fuerza creativa pueda fluir de forma independiente. Por lo tanto, consiste en una reflexión sobre su proyecto Artshow, y sobre la urgencia de cultivar la sensibilidad creativa con la extraña realidad nacional, y sobre el enfoque de cada uno en el conjunto, en el colectivo. De esta forma, la obra de Sergio Moura contempla lo colectivo con un contenido crítico por su persistencia en realizar proyectos relacionales y vivenciales, muchas veces transitorios, a lo largo de los años en el campo artístico en general, durante el período de la dictadura militar. En este sentido, al establecer un espacio común para compartir este lugar como sociedad y dar al receptor una mirada alrededor, ya sea encontrando similitudes o desacuerdos con la teoría del filósofo Jacques Rancière, se pretende proponer una lectura de la estética relacional en el abordaje de los materiales analizados a partir de las principales referencias: Luise Boeno Malmaceda, Maria José Justino, Artur Freitas y Jacques Rancière.

Palabras clave: Arte; Colectivo; Crítica; Ruptura; Libertad creativa.

Introdução

Esta arte não é a instauração do mundo comum mediante a singularidade absoluta da forma, mas a redistribuição dos objetos e das imagens que formam o mundo comum já dado, ou a criação de situações adequadas para modificar nossos olhares e nossas atitudes em relação a esse ambiente coletivo.

Jacques Rancière³

Por entender que a arte é um estado de encontros com o processo criativo emergente em direção à sociedade, e a mediação entre os artistas e a sociedade para que a potência criativa flua de forma independente, em 1965, Sergio Moura ampliou a linha do horizonte com a finalidade de navegar na resistência, na contracultura e vivenciar a surpresa da descoberta pela percepção do momento.

Mas para isso precisou de liberdade e coragem: "Sem a ausência de medo essa liberdade não vai aparecer"⁴. Encontrou possibilidades ao desenhar a linha mestra que o conduziria até a cidade do Rio de Janeiro. Nesse momento, Sergio Moura começou a frequentar o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro participando de experiências artísticas com Frederico Morais nos Domingos de Criação, abrindo possibilidades para uma leitura mais sensível sobre tudo que estava acontecendo.

Na estrada da vida, as escolhas são pontuais e necessárias para seguir sem enclausurar as pessoas, e multiplicar os meios de controle para não dizer que esse seja o único objetivo das estradas, mas andar livremente com a arte entrelaçada com a vida sem serem controladas (DELEUZE, 1987, p.12).

Neste momento, pensar no futuro e na possibilidade de transformar a estrada num rio de imagens e palavras voando pela imaginação absorto no processo criativo. Segundo Rancière (2010),

A autonomia estética não é essa autonomia do "fazer" artístico que o modernismo celebrou. É a autonomia de uma forma de experiência sensível. É essa experiência

³ RANCIÈRE, Jacques. *A estética como política*. *Devires*, Belo Horizonte, v.7, nº 2, jul/dez. 2010, p.18.

⁴ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em julho de 2022.

que surge como o germe de uma nova humanidade, de uma nova forma de vida individual e coletiva. (RANCIÈRE, 2010, p.27)

Na tentativa de soltar as amarras que tolhem as manifestações coletivas ao aprimorar o controle do processo criativo, no sentido de ser mais livre e completar o processo das percepções adquiridas na infância, Sergio Moura trouxe de Manaus a intenção de fazer arte não convencional, provocativa, social e, principalmente que envolvesse as pessoas, pois a ideia do coletivo é uma riqueza infinita de valores do grupo se sobrepondo com muita força em relação ao individual.

Para Sergio Moura, não existe sociedade sem o indivíduo, e o inverso também é válido, não existe indivíduo sem a sociedade. “Toda a nossa presença é marcada por uma produção coletiva, por um conjunto de pessoas na produção mercantil da vida”⁵. Sua percepção abrange a presença da vida em cada instante vivido. Ele registra o momento com a provocação e instiga o coletivo na direção da ruptura com ações provocadoras que impulsionam movimentos atuais em cada momento presente da realidade social fragilizada que robotiza ações em indivíduos que buscam suprir suas necessidades adicionadas ou básicas para o funcionamento mental e corporal.

Descreve as razões das suas ações entrelaçadas com a arte e a vida na linha do tempo, a possibilidade de invocar a Arte para expandir o caminho a ser trilhado com liberdade na projeção dos pensamentos da vida no coletivo. Justino (1997) identifica Sergio Moura: “Irreverente, inquieto, pensativo, lúdico, poético, eterno amante da procura”, e complementa,

Moura, sensorial, passou pelo Rio (onde viu os trabalhos de Ivan Serpa, Abelardo Zualar, Hélio Oiticica, Lúcia Clark e Gerchmann) e por Ouro Preto, escolhendo Curitiba para repouso. Aqui, aliou *academus* à liberdade da infância, desenvolvendo a veia gráfica, o aprendizado e domínio da pintura, mestre na serigrafia e aventureiro nas intervenções e performances. (JUSTINO, 1997, p.6)

Naquele momento estava instaurado o medo nas ruas, causado pela brutalidade imposta de um regime político militar, e fora do Brasil “o mundo explodia” com a guerra no Vietnã. Diante de momentos de conflito, a arte foi o fio condutor que manteve Sergio Moura na linha mestra. Circulando com esses eventos, existia uma turbulência, um movimento muito forte, crítico, filosófico, político, social, ocorridos durante o período ditatorial militar, no qual os contatos entre pessoas eram angustiantes.

Artshow: uma manifestação de arte

Sergio Moura registra o momento com a ação, com a provocação e instiga o coletivo na direção da ruptura com a suspensão do objeto, Malmaceda (2018), destacou a trajetória artística de Sergio Moura nas propostas dos encontros nos anos 1970, logo entende-se que este artista foi fundamental para os debates artísticos, comportamentais e contraculturais naquele momento.

Período este fortalecido com o Artshow, idealizado por Sergio Moura com uma ideia política de reunir um grupo de artistas com uma dinâmica pública de situações vivenciais. Foi realizado na Galeria Júlio Moreira, espaço subterrâneo localizado no centro da cidade de Curitiba (MALMACEDA, 2018, p.273).

Com a finalidade de compreender a conexão que existe entre a história individual de Sergio Moura com a história da sociedade no período em que desenvolveu sua linguagem, com seu olhar crítico por meio da arte, a narrativa se desenvolveu na semana de 23 de setembro a 01 de outubro de 1978, com o projeto Artshow. Para Freitas (2018), “Sergio Moura trouxe para Curitiba parte dessa poderosa

⁵ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em julho de 2022.

amalgama ético-poética, e com ela desenvolveu diversos projetos de arte público-participativa, com destaque para o Artshow” (FREITAS, 2018, p.305).

A ideia de que a arte é “um processo de encontros coletivos, um processo democrático de participação onde qualquer pessoa poderia participar junto com os artistas, estreitando a ação artística, criativa e também provocativa em relação à sociedade”⁶. Segundo Rancière (2010), “a arte não há de se tornar uma forma de vida. Na arte, ao contrário, foi a vida que tomou forma” (RANCIÈRE, 2010, p.33).



Figura 1. Artistas chegando para um dos dias de evento Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura.

A partir desta ideia, Sergio Moura pensou o Artshow e procurou artistas comprometidos, artistas radicais, artistas resistentes, artistas que sabiam a sua relação com a política, com o poder, artistas já consagrados como Reynaldo Jardim, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Luís Carlos Rettamozo, Rogério Dias, Djalmer, Genésio Jr., Priscila Sanson, Aldo Dallago Jr., Reginaldo Fernandes, Alberto M. Viana, Lucília Guimarães, Jarbas José S. Schünemann, Roberval Santos, Eduardo Nascimento, João Urban, Nivaldo Lopes, Antenor Penasso, Ailton Silva, Irmãos Wagner, Aparecido Marques (Cido), Roberto Pitella, Oscar Bétio, Sandra Benato, Suzana Matoski, Telma Serur, Solda, Dario Krupp, Rossana Guimarães, Marcos Bento, Geraldo Leão, Paulo Gaivota, Carlos Reis, Saulo Kozel, Caco, Marco Alzamora, Claude Urban.

A proposta do Artshow era transformar o espaço da Galeria Júlio Moreira, local também conhecido como TUC - Teatro Universitário de Curitiba. Durante uma semana debruçaram-se sobre a organização de pautas artísticas, práticas, atuantes na galeria, com a participação dos profissionais do jornal Pólo Cultural, sendo eles Reynaldo Jardim, Paulo Leminski e Rogério Dias, além dos debates acadêmicos, participaram na realização do projeto e juntos conduziram as ações diárias.

Desse modo, a Galeria Júlio Moreira tornou-se uma galeria aberta ao fluxo diário de muitos observadores da arte em movimento, onde o passante interagiu ou não, mas sobretudo naquele dia o

⁶ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em julho de 2022.

transeunte deixou uma parte sua na passagem pela galeria. Houve sim uma participação, na forma de obstáculos ou oportunidades de entregar-se ao desafio, mudando assim a sua rotina diária.



Figura 2. Transeunte abrindo uma das passagens do túnel durante o Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura

Nessa perspectiva, “a educação estética é, então, o processo que transforma a solidão da livre aparência em realidade vivida e transforma a “ociosidade” estética em ação da comunidade viva” (RANCIÈRE, 2010, p.30).

Ao reunir artistas e produtores culturais durante uma semana, Sergio Moura promoveu com o Artshow o diálogo imediato com o público em trânsito e os artistas, na relação de troca provocados à expectativa, e ao soltar o grito de resistência no curso dos acontecimentos, motivou a participação do público por meio da criação estética coletiva. Referente à participação de outros artistas, Sergio Moura afirma que “O valor do coletivo como prova ativa de que a arte é uma experiência de encontros, lugar onde a condição humana se fortalece pela união de todos em favor de um objetivo, e sobretudo, prática que revela dimensão infinita à relação de uma ideia educativa e socializadora.”⁷

Estabelecer um espaço comum para compartilhar desse lugar enquanto sociedade e devolver para o receptor o olhar em volta, pois a arte engessada aprisiona, tolhe o desenvolvimento criativo e crítico: Questionar, Instigar, Respirar, Pensar a Arte no dia-a-dia, na Vida.

Nesse sentido, Rancière (2010) comenta:

A estética relacional recusa as pretensões de autonomia (autossustentabilidade) da arte e os sonhos de transformação da vida pela arte, mas reafirma, no entanto, uma ideia essencial: a arte consiste em construir espaços e relações a fim de reconfigurar material e simbolicamente o território do comum. (RANCIÈRE, 2010, p.19)

O trabalho do artista Sergio Moura reflete essa mesma lógica, pois contempla o coletivo carregado de teor crítico devido à insistência em dar vida a projetos relacionais, vivenciais, frequentemente transitórios, ao longo dos anos no campo artístico em geral, ocorridos durante a ditadura militar.

O Artshow, realizado em 1978, ação em que realizou juntamente com outros artistas, mostrou a importância do trabalho que, consiste na reflexão dos seus projetos sobre a urgência de cultivar a sensibilidade criadora com a estranha realidade nacional, e na abordagem de cada um no todo, no coletivo: “A Arte interliga Vidas”.

⁷ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em abril de 2022.

Conforme comenta Malmaceda (2018) e, da mesma forma, identificado por Freitas (2018), Sergio Moura apresentou propostas experimentais efêmeras e abertas à criatividade formando coletivos com integrantes do circuito oficial de arte (salões, museus), ou “alternativos”, reforçando a importância da arte na vida, oferecendo e provocando a reflexão dos transeuntes dos espaços públicos fora dos ateliês dos artistas e das instituições formais.



Figura 3. Jornal Pólo Cultural divulga o Artshow (1978) *A programação visual da página foi realizada por Luiz Rettamoza. Fonte: Arquivo Sergio Moura.

No Artshow reuniram um grande número de fotógrafos, mas também realizaram um chamamento para artistas gráficos, jornalistas, comunicadores, cineastas, atores, pois em plena vigência do golpe militar, a ideia era reunir esses artistas para realizarem provocações poéticas, artísticas. Unindo essas diferentes provocações, religando com a participação das pessoas que ali passavam, foram realizadas inúmeras práticas, tais como, vestidos, capas, projeções de cinema, projeções com Reynaldo Jardim fazendo poemas nos degraus da Galeria Júlio Moreira, sendo poemas improvisados, criados naquele momento, provocativos, concretos e neoconcretos.



Figura 4. Reynaldo Jardim e seu cone de papel, utilizava para declamar poesias ou para provocar o público, durante o Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura.

Realizaram intervenções com faixas de papel de 15 a 20 metros com frases poéticas, pinturas e aerógrafos. Para garantir a conservação da galeria, diálogos foram realizados com a Fundação Cultural de Curitiba e a solução foi envolver as paredes com papel. Todas as pinturas com pincel, com aerógrafos ou com rolo de pintura foram realizadas sobre o papel.

Essa atitude promoveu um tratamento completo de toda a galeria, não apenas pintando, mas instalando *outdoor* e permitindo assim, que os transeuntes, passantes da rua, fizessem as suas intervenções com caneta, lápis, carvão, ou seja, com todo o material que ali ficava disponível. Durante uma semana foi possível filmar em Super-8 as ações dos transeuntes desenhando, pintando nas superfícies que o grupo preparou para eles.

O Artshow reuniu um grupo de quase 15 artistas, e reuniram-se antes da semana das práticas, por duas ou três vezes no local para reunir informações de como os passantes usavam aquele espaço e como seria a resposta do grupo diante desse fluxo. A partir do dia 23 de setembro até 01 de outubro, o grupo chegava às 10 horas da manhã e saíam de noite.

Para o bom andamento das ações, era realizado um revezamento entre o grupo para que sempre houvesse alguém do grupo na galeria. Levaram uma mesa de serigrafia com telas impressas, muitos papéis e vários cartazes e panfletos foram impressos.

A intenção era repassar para as pessoas que passavam pela galeria, tudo aquilo que produziam: serigrafias, pinturas, desenhos, fotografias. Foi improvisado um pequeno laboratório fotográfico. Assim, durante a semana fotografavam tudo que acontecia: as pessoas passando e interagindo com as atividades realizadas e revelavam os negativos no próprio local e ampliavam ali mesmo. Toda a produção de fotografia era exposta imediatamente durante aquela semana.



Figura 5. Transeunte com o “parangolé de papel” concebido durante o Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura.

Os materiais utilizados durante a semana, quando não era possível comprá-los, eram substituídos por materiais descartados, como papelão e papéis de lixo industrial encontrados pela cidade. Alguns papéis eram adaptados aos corpos de alguns passantes, e em seguida movimentavam como se fossem “parangolés”, referindo a obra de Hélio Oiticica e aludindo às ações de Frederico Morais na

Rodoferroviária de Curitiba, ao utilizar restos de papéis industriais disponíveis (MALMACEDA, 2018, p.279). E com a continuidade dos dias, ainda no andamento da semana, foi possível registrar por diversas vezes a galeria lotada com pessoas curiosas para ver os filmes que eram projetados e perguntavam o que estava acontecendo. Esses momentos foram registrados em Super-8⁸, pelo grupo da Cinemateca de Curitiba. E para complementar,

O único registro fílmico sobre o evento, que resistiu até os dias de hoje, foi gravado por uma equipe ligada à Cinemateca de Curitiba, chamada Super-8 em ação, especialmente convidada por Sergio Moura para participar do ARTSHOW. Apesar de perdidos os áudios, as sequências de imagens são bem elaboradas, ora possibilitando visualizar os artistas trabalhando, ora conformando-se como tentativas de experimentação fílmica, em planos contínuos que interligam as obras aos transeuntes, por exemplo, ou exploram ângulos inusitados. (MALMACEDA, 2018, p.278-279)

Segundo Sergio Moura, o que o levou a fazer o Artshow, em 1978, foi “o clima de exaustão que já se encontrava, no ponto de vista social, da expressão artística, do conjunto em si que influenciava toda a gestão cultural e que a gente tinha que se desdobrar para sobreviver.”⁹



Figura 6. Painel realizado por Paulo Leminski e Sergio Moura, no Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura.

Em 2008, o artista Sergio Moura procurou a Fundação Cultural de Curitiba e apresentou uma proposta de juntos organizarem um evento para homenagear os 30 anos do Artshow. A Fundação Cultural, através da Diretora do Patrimônio Cultural, Christine Vianna Baptista, achou conveniente inserir no programa Hora da Prosa - Conversas sobre Patrimônio Cultural¹⁰, o projeto ARTSHOW - 30 ANOS, na Galeria Júlio Moreira, no TUC.

Em 24 de setembro de 2008, reuniu alguns participantes que transformaram um projeto individual num sonho coletivo, uma realização cultural, social e histórica, que ressoou na produção cultural das gerações seguintes.

⁸ Filmado inteiramente em Super-8, o evento Artshow (1978), foi digitalizado pelo pesquisador Newton Goto em 2008 para o projeto Circuitos Compartilhados. Material este utilizado na pesquisa.

⁹ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em setembro de 2023.

¹⁰ Programa com a finalidade de revitalizar as questões de memória e patrimônio cultural da cidade.

Não posso deixar de ressaltar aqui a sensibilidade do artista curitibano Newton Goto, que pesquisando eventos acontecidos pelo país constatou que já tínhamos feito aqui inúmeras ações coletivas de arte, e sua declarada simpatia pelo Artshow. Reparou que foi uma das mais radicais experiências de arte urbana empreendida no Brasil no final dos anos 70. Uma proposta de precisa conceituação política e intenso movimento social.¹¹

A ideia de Moura era fazer deste encontro “uma análise da conjuntura daquela iniciativa, daquela manifestação do Artshow, que era em todos os aspectos uma espécie de contraponto à ditadura militar.”¹² Estavam presentes Reynaldo Jardim, Luiz Carlos Rettamozo, Solda, Rogério Dias, Geraldo Leão, Rossana Guimarães, Edivaldo Fernandes, Lucília Guimarães, Roberto Pitella, Cido Marques, Priscila Sanson, Eduardo Nascimento, Alberto M. Viana, João Urban, Alice Ruíz, Nivaldo Lopes, Caco Machado, Marcos Bento, Telma Serur, Roberval Santos, Marco Alzamora, e foram lembrados os artistas do Artshow (1978) que não estavam mais presentes, entre eles Jarbas José S. Schünemann, Paulo Leminski, Djalmir, Ailton Silva, Oscar Bétio.



Figura 7. Em 2008, o Programa Hora da Prosa, promovido pela Fundação Cultural de Curitiba, reúne artistas e público no TUC, e promove reflexão com a presença do ilustre Reynaldo Jardim, que esteve atuante no Artshow em 1978. Fonte: Arquivo Sergio Moura.

Entre Sergio Moura e Rossana Guimarães, Reynaldo Jardim fala aos presentes no TUC, que as ações do passado precisam ser resgatadas e retrabalhadas, e complementa:

Foi uma experiência com a participação intensa do público, uma arte realmente popular, não que vende para o público, mas para o povo. É uma experiência que tem que ser repetida. Então, no momento fazer novamente, revitalizar a Galeria Júlio Moreira recuperando o espírito do Artshow criado pelo amigo Sergio Moura.¹³

¹¹ Sergio Moura. Hora da Prosa: Conversas sobre Patrimônio Cultural. *Reynaldo Jardim e Sergio Moura: Artshow - 30 Anos*. Fundação Cultural de Curitiba, 2008.

¹² Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em setembro de 2023.

¹³ Reynaldo Jardim. Hora da Prosa: Conversas sobre Patrimônio Cultural. *Reynaldo Jardim e Sergio Moura: Artshow - 30 Anos*. Fundação Cultural de Curitiba, 2008.

Considerações Finais

O Artshow mostrou a possibilidade de que “todos os artistas de diversas linguagens, como desenho, pintura, música, teatro, poesias, cinema, poderiam interagir juntos e confirmar assim, a possibilidade de que as linguagens se comunicam, as linguagens conversam entre si.”¹⁴

Nestes sete dias, houve uma quantidade enorme de referências, de informações, de valores que permitiu uma reflexão ampla sobre a trajetória dos artistas que participaram do programa criado por Sergio Moura. A sincronicidade na vida levou-o a descobrir que a Galeria Júlio Moreira era o palco principal para realizar o Artshow:

Porque eu já havia estado lá fazendo serigrafia na rua. Levava uma mesa de impressão com várias matrizes gravadas e produzia pequenas gravuras em formato postal para que eu pudesse vender para a população. Era uma maneira de ganhar dinheiro ali. Então, foi fazendo isso que descobri que eu poderia fazer um programa de arte coletiva na Galeria Júlio Moreira, TUC, no centro da cidade. O Artshow foi realizado e me deu uma série de valores, de informações, de recursos para que eu pudesse pensar num outro programa, o Sensibilizar.¹⁵

Para complementar, suas ações em movimentos e encontros artísticos de vanguarda retratam uma fase importante de sua trajetória de criador, pela força poética de suas ideias, marcadas pelo imaginário das vanguardas. Sergio Moura procurou a Fundação Cultural de Curitiba e apresentou a proposta de um evento multimídia, projeto Artshow, com o intuito de reunir artistas de várias áreas, numa semana inteira de criações artísticas e interações com o público. E ressalta que as instituições de arte no plano social, quando bem executadas, destacam a competência e dedicação de quem as dirige.



Figura 8. Paulo Leminski canta “Verdura” em um dos dias do Artshow (1978).
Composição censurada. Fonte: Arquivo Sergio Moura.

¹⁴ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em abril de 2022.

¹⁵ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em agosto de 2018.

A preocupação do artista em manter essa ligação com as instituições de arte mostra que o apoio vem do conhecimento passado por todos os participantes por ser realizado em locais públicos. A intenção não é fazer na rua porque o museu não autorizou fazer a exposição, mas sim o fluxo de pessoas que circulam nas ruas tem a possibilidade de percorrer seu dia com a experiência da arte, neste caso, arte relacional. Criando a possibilidade de refletir com sensibilidade e ecoar a poesia do dia-a-dia. O artista vai até o museu, mas nem sempre a instituição o acolhe.

Sergio Moura pensou “é possível” e realizou, aprofundou suas intenções e motivos, adquirindo sentido a partir das ações e relações. Nesse sentido,

O que liga a prática da arte à questão do comum é a constituição, tanto material quanto simbólica, de certo tipo de espaço-tempo, de uma suspensão em relação às formas da experiência sensível. (RANCIÈRE, p.20)

Desse modo, podemos perceber que a arte deste artista é mais que um produto ou objeto, é uma influência no processo social, pois o Artshow contribuiu para socializar a arte, para humanizar a sociedade. Sergio Moura, em entrevista, ao lembrar do seu trabalho sente-se realizado, e complementa: “Entendo que a arte não é uma atividade exclusivamente material”.¹⁶



Figura 9. Priscila Sanson e Sergio Moura na produção de serigrafias no Artshow (1978). Fonte: Arquivo Sergio Moura.

Falar sobre a vida e a arte de Sergio Moura é passear pela linha do tempo da história da Arte e falar pessoalmente com o artista, presente em momentos políticos vividos em Curitiba-PR, porque ao transitar com a arte na política, este artista movimentava a linha da história pela ação e provocação, com a projeção do espaço-tempo no olho da arte. Suas ações mostram a importância de cada um no todo. No coletivo. E escreve mais: “A arte interliga vidas.”

¹⁶ Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em setembro de 2023.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *A Vida Como Obra de Arte*. IN: Conversações. São Paulo: Editora 34, 2007.
- FREITAS, Artur; *Excluídos da XV: vinte anos de regime militar ou a poética da pobreza*. In: MENDONÇA, Joseli; SOUZA, Jhonatan. (Org.). Paraná insurgente: história e lutas sociais - séculos XVIII ao XXI. 1ed.São Leopoldo - RS: Casa Leiria, 2018.
- JUSTINO, Maria José. *Sergio Moura: entre a terra e o ar*. Gazeta do Povo, Caderno G, Curitiba, 1º/04/1997.
- MALMACEDA, Luise Boeno. *O Eixo Sul Experimental: conceitualismo e contracultura nos cenários artísticos de Curitiba e Porto Alegre, anos 1970*. Orientadora Maria Cristina Machado Freire. São Paulo, 2018. 414 f.: il. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, 2018.
- MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.
- RANCIÈRE, Jacques. *A estética como política*. *Devires*, Belo Horizonte, v.7, nº 2, jul/dez. 2010.

Referências Fílmicas

- GOTO, Newton (Org.). *Circuitos compartilhados – Catálogo de sinopses / Guia de contextos*. Edital Arte e Patrimônio 2007: MinC; IPHAN; Petrobras; Paço Imperial; Epa!. Curitiba: Epa!, 2008.
- HORA DA PROSA: CONVERSAS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL. *Reynaldo Jardim e Sergio Moura: ARTSHOW - 30 ANOS*. Fundação Cultural de Curitiba, 2008.

Sites

- CORREIO DE NOTÍCIAS. *Persona*. 08.09.1978. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=325538_00&pasta=ano%20197&pesq=ARTSHOW&pagfis=6876>. Acesso em 20 ago. 2023.
- DELEUZE, Gilles. *O que é o ato de criação*. Retranscrição da conferência filmada, pronunciada na FEMIS [*Fondation Européenne pour les Métiers de l'Image et du Son*] no dia 17 de março de 1987, a convite de Jean Narboni e transmitida por FR3/Océaniques no dia 18 de maio de 1989. Charles Tesson, com a permissão de Deleuze, efetuou a transcrição parcial do texto, publicada sob o título “*Avoir une idée en cinéma*”, no quadro de uma homenagem ao cinema de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet (*Jean-Marie Straub, Danièle Huillet, Aigremont, Éditions Antigone, 1989, pp. 63-77*). A versão integral da conferência foi publicada pela primeira vez em *Trafic*, nº 27, outono de 1998. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x1dlfsr>>. Disponível em: <https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf>. Acesso em 14 abr. 2023.
- DIÁRIO DO PARANÁ. *Cinema: Artshow transformada em filme*. 17.01.1979. Disponível em: <<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pasta=ano%20197&pesq=ARTSHOW&pagfis=133623>>. Acesso em 20 ago. 2023.
- SITE DE SERGIO MOURA. *A Arte de Sergio Moura*. Disponível em: <<https://aartedesergiomoura.wordpress.com>>. Acesso em 15 jan.2022.
- SITE DE SERGIO MOURA. *Artshow 1978*. Disponível em: <<https://youtu.be/I2w-gsb-EE?t=1>>. Acesso em 28 abr.2023.